

CÂMPUS
PIRES DO RIO



ESTADO
DE GOIÁS

CURSO DE GEOGRAFIA

MAGNA CRISTINA DIAS

**MULHER MÃE NO MERCADO DE TRABALHO EM PIRES DO RIO (GO): um
estudo de caso das servidoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf**

PIRES DO RIO (GO)
2016

MAGNA CRISTINA DIAS

MULHER MÃE NO MERCADO DE TRABALHO EM PIRES DO RIO (GO): um estudo de caso das servidoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a ao Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Pires do Rio, como requisito da disciplina de Metodologia de Pesquisa II.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marise Vicente de Paula

PIRES DO RIO (GO)
2016

TERMO DE APROVAÇÃO

MAGNA CRISTINA DIAS

MULHER MÃE NO MERCADO DE TRABALHO EM PIRES DO RIO (GO): um estudo de caso das servidoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Metodologia de Pesquisa II, curso de Geografias, Universidade Estadual de Goiás Câmpus Pires do Rio, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Geografia, submetido a seguinte banca examinadora

Prof.^a Dra. MARISE VICENTE DE PAULA
Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio (Orientadora)

Prof. Ma. MARIA ENI SOUSA DIAS FREIRE
Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio (Membro)

Prof.^a Ma. FLAVIA KARLA SOARES
Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio (Membro)

Aos meus filhos Mariza, Claiton, Cleiton, Maisa que tiveram a compreensão das vezes que estive ausente de suas vidas aos meus netos que também amo muito, ao meu genro Claudinei e noras Jordana Regislane que muito me apoiaram no momento que eu mais precisava.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus primeiramente por ter me ajudado em mais uma jornada da minha vida que pra mim foi um momento de superação. Agradeço meus professores principalmente a Dra. Cleusa Maria e minha professora orientadora Dra. Marise Vicente de Paula com sua infinita paciência e competência, estiveram comigo nesta caminhada, aos meus colegas de sala que muito me ajudaram.

À todas mulheres mães trabalhadoras entrevistadas que contribuíram para essa pesquisa. A todos, meu muito obrigada

!

A MULHER

A mulher não para de trabalhar.
Ao levantar faz sua oração de fé;
Cedo levanta, prepara o café;
Prepara o lanche da criança;
Lava louça, enxuga louça;
Prepara o almoço;
Planeja a sua agenda;
Sai para o trabalho.
Não há distinção entre as mulheres.
Não importa a raça ou a cor
são sempre belas.
A mulher é um ser sensível:
Emociona-se;
Apaixona-se;
Ama, chora, sente e ora.
A mulher é mãe:
Acalenta seu filho;
Põe o bebê para dormir;
Brinca com a filha ou filho;
Faz a criança sorrir;
Canta uma canção de ninar;
Ensina a criança a andar;
E orienta na tarefa escolar.
A mulher é esposa:
Organiza a família;
Promove a harmonia;
Planeja o seu dia-a-dia.
A mulher é profissional:
É escritora, médica;
Cantora, professora;
Lavradora, administradora;
Motorista, balconista.
A mulher é capaz e sabe o que faz.
A mulher ao longo dos anos
tarefas acumulou.
Venceu muitas batalhas;
Sua vida em muitos aspectos
melhorou.
A mulher tem o dom de ser:
Conciliadora, instrutora;
Encantadora;
Elegante, atraente.
A mulher brasileira é:
Forte, é brava.
É guerreira.
A mulher é um ser especial:
É bela, maquiada ou natural.
É criativa, decidida e ativa.
A mulher tem talento.
Faz na família o orçamento;
Marca presença no parlamento.
A mulher está presente em todos os setores.
Merece destaque no cenário político municipal, estadual,
federal e, especialmente, em âmbito nacional.
(MARINALVA DA SILVA ALMADA)

RESUMO

Por muito tempo, as diferenças entre homens e mulheres foram estabelecidas pela anatomia. A diferenciação social dos atributos femininos e masculinos, muito ligados à constituição biológica, possibilitou a imposição de estereótipos sobre as mulheres e homens, atribuindo aos dois sexos, características e funções sociais e afetivas pré-estabelecidas, que muitas das vezes se reafirmavam em ideias preconceituosas e segregadoras para ambos. Questões cotidianas como o sustento do lar e a maternidade eram atribuídas aos sexos, fazendo com que homens e mulheres não se ajudassem mutuamente tornando a vida doméstica um fardo pesado principalmente para a mulher, que por não produzir capital com seu trabalho, era desvalorizada e tratada como dependente. A fim de superar esta limitação teórica sobre o universo masculino e feminino, foi desenvolvido o conceito de gênero, muito utilizado a partir dos anos de 1990 após o impacto político do feminismo e as novas perspectivas de análise agregadas a este movimento. Este conceito considera elementos sociais, culturais e políticos como importantes elementos na construção das identidades masculinas, femininas e homossexuais. O movimento feminista toma corpo no Brasil na Década de 1970, período que marca a abertura política no Brasil, lutando por direitos e empoderando as mulheres em um processo histórico que ainda se desenrola. Nesta realidade o número de mulheres que ingressaram no ensino superior aumentou significativamente no Brasil e seu ingresso no mercado de trabalho, tomou novos rumos com mulheres atuando em diversas áreas antes pensadas como exclusivamente masculinas. Contudo, esta entrada da mulher no mercado de trabalho tem suas consequências negativas, pois além de não receberem remunerações equivalentes aos homens apesar de exercer funções idênticas, a inserção das mulheres no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma mudança cultural acerca dos papéis masculinos e femininos dentro dos lares, fazendo com que mesmo trabalhando fora as mulheres continuasse responsáveis pelas atividades domésticas e criação dos filhos, o que acarretou a este gênero o acúmulo de duplas e triplas jornadas, extremamente prejudiciais a sua saúde física e mental. Na atualidade doenças do coração que antes atingiam uma grande maioria dos homens por stress, estão cada vez mais comuns em mulheres extremamente sobrecarregadas pela vida moderna. Nesta perspectiva, a presente pesquisa, visa investigar como a mulher integra o mercado de trabalho após a maternidade na cidade de Pires do Rio (GO), segundo um estudo de caso realizado na Escola Municipalizada Sarah Skaf, discutindo como o gênero feminino nesta condição especial, enfrenta uma série de adversidades tanto no espaço público, quanto no privado, devido as cobranças sociais em torno da presença materna no processo de educação dos filhos. Para tanto, serão feitas pesquisas bibliográficas e de campo com aplicação de entrevistas semiestruturadas e uso de recursos fotográficos, gráficos, mapas e tabelas. Ao final da pesquisa, foi possível mostrar a sociedade Piresina, que representa a área de estudo desta pesquisa, como a rotina de uma mãe que trabalha é desgastante e sacrificada diante de uma sociedade que idealiza a maternidade como uma responsabilidade exclusivamente feminina como herança de tempos em que os homens proviam os lares sem a atuação da mulher no mercado de trabalho formal.

Palavras chave: Gênero. Mulher. Maternidade. Mercado de Trabalho.

LISTA DE IMAGENS E TABELA

Foto 1 – Fachada da Escola Municipalizada Sarah Skaf	25
Foto 2 – Professora “A.R.F.T.” da Escola Municipalizada Sarah Skaf.....	26
Foto 3 – Auxiliar de serviços gerais “M.A.A.M.” da Escola Municipalizada Sarah Skaf	26
Foto 4 – Merendeira “M.A.S.” da Escola Municipalizada Sarah Skaf.....	27
Gráfico 1 – Participação dos cônjuges na realização das tarefas domésticas.....	30
Gráfico 2 – Estão sobrecarregadas e não se sentem satisfeitas com o tempo que tem para si mesmas.	30
Mapa1 – Localização de Pires do Rio e cidades do entorno	23
Tabela 1 – População Masculina e Feminina de Pires do Rio – 1980/2010	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O GÊNERO FEMININO E O MUNDO DO TRABALHO	11
1.1 Uma Breve Abordagem sobre o Conceito de Gênero	11
1.2 A História das Lutas Feministas pela Emancipação da Mulher: reflexões sobre o espaço público e privado	13
1.3 A Mulher no Mercado de Trabalho	18
2 MATERNIDADE E CARREIRA PROFISSIONAL: um estudo de caso a partir da realidade das mães trabalhadoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf	22
2.1 Caracterização da Área de Pesquisa	22
2.2 A Pesquisa de Campo	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	36
Apêndice 1 – Entrevista realizada com a mulher, mãe no mercado de trabalho em Pires do Rio (GO)	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem como temática a mulher, mãe trabalhadora. Nas últimas décadas as mulheres vêm buscando cada vez mais, conquistar seu espaço no mercado de trabalho. A mulher mãe, que no passado somente dedicava a seus filhos, e aos deveres domésticos hoje assumem novas funções na sociedade.

O movimento feminista, ao longo dos últimos séculos se configurou como uma das principais manifestações sociais de caráter transformador, lutando por maiores direitos para as mulheres. Com o tempo as mulheres dos países ocidentais passaram a garantir igualdade entre os gêneros. A mulher hoje tem um papel muito importante na sociedade capitalista, tendo em vista as consequências da divisão sexual do trabalho, e ao mesmo tempo, a mulher destaca o seu papel, em múltiplas áreas, no mercado de trabalho.

No século XXI as mulheres enfrentam uma nova realidade se comparada há séculos passados. Elas estão inseridas no mercado de trabalho em diversos setores de atuação, assumem postos de comando, são mulheres independentes e dinâmicas com voz ativa na sociedade tomando decisões importantes no contexto social, são mulheres com liberdade e direito de expressão, porém, isso não quer dizer que as desigualdades deixaram de existir.

Para alcançar esses direitos de liberdade e igualdade foi preciso muitas lutas no decorrer dos tempos para haver mudanças políticas e sociais, em favor da mulher. A luta das mulheres propiciou a criação de uma legislação que garante a liberdade e direitos iguais em relações aos homens, e principalmente em relação ao preconceito e violência doméstica.

Mas apesar de sua contribuição à família, às empresas, à sociedade, a mulher ainda tem sido considerada uma força de trabalho secundária. A violência doméstica ainda é uma realidade presente na vida de milhares de mulheres no Brasil.

Conciliar maternidade e trabalho é um dos principais desafios para as mulheres e se constituem em dois pontos cruciais na vida de uma mulher: ser uma profissional eficiente e uma mãe dedicada, tudo ao mesmo tempo não é uma tarefa fácil e não existe um curso superior que ensine a exercer as duas habilidades. Pautada nessa ideia, o objetivo dessa pesquisa é investigar como a mulher integra o mercado de trabalho após a maternidade na cidade de Pires do Rio (GO) a partir de um estudo de caso realizado na Escola Municipalizada Sarah Skaf, discutindo como o gênero feminino nesta condição especial, enfrenta uma série de adversidades tanto no espaço público, quanto no privado, devido às cobranças sociais em torno da presença materna no processo de educação dos filhos.

O problema da pesquisa surgiu diante de uma reflexão sobre a sociedade atual e o diagnóstico do papel que figura feminina nela desempenha. Observou-se que a mulher historicamente, ganhou espaço antes ocupado pelo homem e que, não tenha alguns privilégios salariais, ocupa cargos e funções em todos os níveis e âmbitos do mercado de trabalho.

Esta reflexão parte de minha realidade pessoal, enquanto mãe e trabalhadora, e foi baseada nesta realidade que a área de pesquisa foi escolhida, sendo que a Escola Municipalizada Sarah Skaf é meu local de trabalho, que me possibilita ainda a observar a realidade cotidiana de diversas outras mulheres que compartilham a mesma situação pessoal.

Sendo assim, a presente pesquisa, foi desenvolvida a partir dos preceitos metodológicos da fenomenologia, visto que se partiu da realidade vivida das mulheres da escola campo para se construir o estudo de caso.

A metodologia de pesquisa foi pautada na aplicação de 22 entrevistas com as mulheres e mães da escola campo, onde apenas 05 foram respondidas servindo de subsídio para construção das reflexões que seguem.

O trabalho será organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo será abordada a temática o gênero feminino e mundo do trabalho, constando de uma breve abordagem sobre o conceito de gênero, a história das lutas feministas pela emancipação da mulher destacando reflexões sobre o espaço público e privado e a mulher no mercado de trabalho. No segundo capítulo discutira-se sobre a maternidade e carreira profissional a partir da realidade das mulheres e mãe trabalhadoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf em Pires do Rio (GO). O Capítulo será composto por: Caracterização da área de pesquisa de campo.

O trabalho conclui se com as considerações finais, referências bibliográficas e tem em anexo o roteiro da entrevista aplicada com as trabalhadoras da escola campo.

1 O GÊNERO FEMININO E O MUNDO DO TRABALHO

Esse capítulo irá abordar o conceito de gênero, segundo a concepção de alguns autores. Em seguida será apresentada uma discussão sobre a emancipação da mulher e por fim a mulher no mercado de trabalho. A mulher atualmente é objeto de estudo em várias ciências, principalmente no campo da geografia cultural, como um ser visível perante a lei. Através dos movimentos feministas as mulheres lutavam por emancipação e lutam até nos dias de hoje pelos seus direitos de igualdade.

1.1 Uma Breve Abordagem sobre o Conceito de Gênero

Em uma abordagem no censo comum, gênero se refere à diferença entre homem e mulher, ou seja, gênero masculino e feminino em uma perspectiva puramente biológica. Mas a partir do ponto de vista das ciências sociais e até mesmo da psicologia a abordagem de gênero é mais complexa. O conceito de gênero assume significados sociais, culturais e históricos ligados aos sexos.

Moraes (1998, apud PAULA, 2010) afirma que há limitações teóricas sobre o universo de ambos os sexos, e que essas limitações apresentam uma política preconceituosa que subjuga mulheres por seus atributos físicos e intelectuais considerados inferiores aos dos homens e também por impor aos homens comportamentos e atitudes machistas, que muitas vezes são violentas com o próprio homem desde sua infância. A fim de superar estas limitações sobre o universo masculino e feminino, foi desenvolvido o conceito de gênero, muito utilizado a partir dos anos de 1990 após o impacto político do feminismo e as novas perspectivas de análise agregadas a este movimento.

Paula (2010) aponta que por muito tempo, as diferenças entre homens e mulheres foram estabelecidas pela anatomia. A diferenciação social dos atributos femininos e masculinos, muito ligados à constituição biológica, possibilitaram a imposição de estereótipos sob mulheres e homens, atribuindo aos dois sexos, características e funções sociais e afetivas pré-estabelecidas, que muitas das vezes se reafirmavam em ideias preconceituosas e segregadas para ambos.

Lamas (2000, p.13, apud PAULA, 2010) afirma que “um grande êxito do feminismo foi ter conseguido modificar não somente a perspectiva política com que se

abordava o conflito nas relações mulher-homem, mas também transformar o paradigma utilizado para explicá-lo.” Segundo a autora o conceito de gênero possibilitou a compreensão de que não é a anatomia que posiciona mulheres e homens em âmbitos e hierarquias distintos, e sim as representações estereotipadas que as sociedades fazem dela, representações estas que são sociais, culturais e historicamente construídas.

O conceito de gênero foi desenvolvido como o conjunto de ideias sobre o que é feminino e o que é masculino, colocando em questão as ideias dicotômicas que gerem a concepção ocidental do papel social de homens e mulheres, concepção profundamente androcêntricas e excludentes do feminino, como afirma Paula (2010), Perrot (et al, 1998) e outros.

Scott (1992) apresenta três posições teóricas sobre os estudos de gênero. Segundo a autora a primeira é uma tentativa feminista de entender as origens do patriarcado; a segunda se fundamenta em uma tradição marxista e busca um compromisso com a crítica feminista; e a terceira se divide entre o pós-estruturalismo francês e as teorias de relação do objeto, inspira-se em diversas escolas da psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito.

Para a autora todas elas tem suas deficiências: a teoria do patriarcado não mostra como a desigualdade de gênero estrutura as demais desigualdades, as marxistas estão muito presas à causalidade econômica e não explicam como o patriarcado se desenvolve fora do capitalismo. Já as teorias pós-estruturalista fazem depender a produção da identidade de gênero e a gênese da transformação de estruturas de interação relativamente pequenas, além de limitar o conceito de gênero à esfera doméstica e da família.

Para Scott (1992, p.14) gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Estas desigualdades se baseiam em conceitos culturalmente livre que relembra imitações simbólicas e mitos. Porém, “os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas”, expressos em doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas e que opõem de maneira binária e inequívoca as concepções de masculino e feminino. Para a autora gênero ainda tem um aparência de identidade individual.

Segundo Scott (1992), “Gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo,

já que nada no corpo [...] determina univocamente como a divisão social será estabelecida” (SCOTT, 1992, p. 13).

Desta forma, é perceptível que a discussão sobre gênero foi fomentada pelos movimentos de emancipação da mulher, na busca de estabelecer maior justiça social e reflexões sobre a igualdade de direito. Nesse sentido a seguir será apresentada a história da emancipação da mulher e sua repercussão na aquisição de direitos civis e respeito social tendo no movimento feminista e na pesquisa acadêmica um importante aliado neste complexo processo.

1.2 A História das Lutas Feministas pela Emancipação da Mulher: reflexões sobre o espaço público e privado

As mulheres desde tempos passados enfrentaram dificuldades para adquirirem direitos iguais. Elas eram consideradas inferiores e incapazes, portanto foram décadas de enfrentamentos de obstáculos para conseguirem seus direitos, como o direito de votar, de ingressar em uma universidade e de trabalhar fora do lar. Antigamente a atuação social da mulher se resumia nas ações de fé e em reuniões beneficentes sendo excluída de quaisquer outras atividades dentro da sociedade patriarcal, enfim a mulher tinha um horizonte reduzido.

A mulher, no período colonial, poderia ser preparada para o casamento sendo submissa ao seu marido, e muito prestativa a ele, não podendo fazer coisa alguma sem sua permissão, usando sempre vestias comportadas, cobrindo o corpo, até mesmo os pés. “Desejasse fechar a mulher na armadura da aparência para que ela não seja a imagem falaciosa de si mesma” (DEL PRIORE, 2004, p.16). Ela jamais poderia discordar do marido, certamente seria castigada, caso isso acontecesse.

Mesmo que a posição das mulheres diversificasse de um lugar para outro em cada espaço cultural, é comprovado que elas ficaram à margem da vida banal, sem direitos políticos e seus direitos individuais eram limitados. Elas eram dominadas por homens que as conceituavam como do lar, sendo o espaço privado - doméstico, como o único adequado ao gênero feminino.

Lançar um olhar acerca das relações de gênero segundo uma abordagem geográfica, significa pensar os sujeitos masculinos e femininos e suas relações sociais, históricas, culturais e econômicas desenvolvidas de formas específicas no espaço geográfico segundo as diversas dimensões que ele abrange. Considerando que o espaço geográfico, por

ser de origem social, é fluído, múltiplo e sexuado, significa dizer que as relações entre homens e mulheres, que são desiguais e muitas vezes perversas, representam entre outras forças, elementos de configuração espacial, ou seja, existe predomínio de determinado sexo em determinados espaços segundo orientações culturais e históricas, como acontece na análise dos espaços públicos e privados, que representam um elemento norteador da reflexão ora posta. (PAULA, 2010, p.27).

Na justificativa do espaço geográfico sendo de origem social das relações entre homens e mulheres o qual determina o sexo em determinado espaço, da mesma forma o espaço publico e privado tem como objetivo expor o sexo masculino e feminino como um elemento de valores diversificados.

Segundo Matos (1995, p.5), “os espaços públicos começam a corresponder às conotações negativas de multidão, perigo, estranhamento, indiferença, circulação, enquanto o privado representa o refúgio seguro, o domínio da natureza”. Assim, torna-se necessário tentar recuperar a dinâmica entre o público e o privado, sabendo que esses elementos são social, cultural e historicamente redefinidos, para perceber a não polaridade entre eles. Note-se que as categorias privado e público não devem ser usadas aleatoriamente para qualquer sociedade ou época, podendo dessa forma virem a tornar-se a- históricas. Os conceitos, sentidos e práticas do público e do privado, seja quanto a espaço, ação ou propriedade, não são universais nem estáveis. O processo de construção e de segmentação do público/privado carrega na sua trajetória inter- relações desenvolvidas através de um discurso legitimador que vem atrelado desde a origem a um ocultamento de toda uma tensão e indefinição entre esses aspectos.

Sabe-se que em meio a tantos discursos e trajetórias idas e vindas dentro do espaço publico e privado a mulher está sempre à frente, em busca do seu lugar seja ele publico, ou privado.

De acordo Perrot (1998) “a esfera publica”, por oposição à esfera privada, designa o conjunto, jurídico ou consuetudinário, dos direitos e dos deveres que delineiam uma cidadania. Mais concreto e material, o “espaço publico”, amplamente equivalente à cidade, é um espaço sexuado em que os homens e as mulheres se encontram, se evitam ou se procuram.

Segundo a autora, o lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático. E nesse ponto de vista, as ciências naturais e biológicas, em pleno florescimento a partir do século 18, nada resolvem. A autora ainda afirma que o século 19 fixou algumas dessas figuras. É por isso que nos deteremos nele mais particularmente, como numa época clássica, em vias de superação, mas ainda muito presente. A historia das

mulheres, que se desenvolveu muito nos últimos 25 anos, empenhou-se primeiro em descrever seus papéis privados às voltas com uma cidadania social e política que lhes é proibida, é nesse campo que hoje se desenvolvem os trabalhos mais inovadores. Para a autora o presente sempre coloca questões para a história, não por ela ter a resposta, mas porque ela pode, pelo menos, fornecer instrumentos de compreensão. Entre o público e o privado, o político e o pessoal, os homens e as mulheres as divisões apagam-se e recompõem uma paisagem.

Historicamente, o poder sempre foi mantido e executado pelos homens, pois as mulheres eram consideradas inferiores, devendo disciplina e respeito às pessoas dos sexos masculinos. Esse processo envolve relações de gênero porque as ligações existentes são desiguais, acontecendo uma forma de comando patriarcal dos homens sobre as mulheres, em um padrão masculino de dominação, tanto na esfera privada, quanto na esfera pública.

Havia um abismo muito grande por parte dos homens de perder seu mando através da divisão sexual do trabalho e dentro do corpo familiar. Por isso reputavam as mulheres importantes como categorias do bem-estar da família, sem considerá-las como sujeitos independentes com causa próprias.

As mulheres sempre desempenharam árdua jornada em seu lar como conservadora da ordem, como uma “doméstica”, sendo infeliz, realizando atividades sem gratidão de seus familiares e que não era conhecido como um trabalho produtivo.

A partir do momento que a mulher entendeu que poderia sair da situação de submissão e passar a conquistar seu espaço através da integração em movimentos e associações, exigindo com que a sociedade notasse seu valor, inicia-se o rompimento da sua situação de receptora inerente, passando a ser mais integrante e valorizada, principalmente como ser humano, admitindo que todos são iguais perante a lei.

Mas aos poucos a busca pela valorização feminina veio ganhando campo e as mulheres passaram a conviver mais da vida pública, inclusive no mercado de trabalho, verifica-se que elas vêm formando novos espaços de lutas para requerer seus direitos de sua origem, buscando atingir espaços antes masculinos.

Segundo Mesquita (2005) em 1789, quando ocorreu a Revolução Francesa, surgiram pensamentos expressivos para todo o mundo, alcançando os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, indicando que iniciava a edificação de um novo cidadão, com direitos e sem sujeição, “todos os homens nascem e vivem livres e iguais perante a lei”. Mas com isso as diferenças de gênero foram reforçadas, pois liberdade, igualdade e fraternidade estavam fixadas somente para o paradigma universal de seres humanos, que se fundamentava nas seguintes características físicas: homens brancos, heteros de posse.

Os sujeitos que exibiam essas características, que faziam parte da elite dominante, consideravam que as mulheres não poderiam usufruir dos benefícios dessa revolução, pois exerciam um papel social importante no âmbito doméstico, como mães, boas cuidadoras do lar e esposas. Esse acontecimento fortaleceu ainda mais as questões de gênero, recolocando a mulher atuando somente dentro da esfera privada.

Apesar de todo o conteúdo revolucionário contido nas ideias da Revolução Francesa, ele não trouxe em si propostas de inserção das mulheres dentro da igualdade real, tão esperada pelas mulheres na época, que estiveram envolvidas no processo, referindo-se apenas aos homens. Foram poucos os pensadores da época que absorveram estes argumentos e passaram a defender a ampliação do papel feminino. A grande maioria defendia as visões tradicionais sobre as mulheres, que reafirmavam que estas eram inferiores aos homens nas faculdades cruciais da razão e da ética, devendo por sua vez ser subordinadas a eles. A ideia de que as mulheres deveriam ser modestas, silenciosas, castas, subservientes era amplamente divulgada. (MESQUITA, 2005, p.31).

As lutas femininas sempre se fundamentaram na conquista de situações de igualdade, mas a própria ordenação política criava um modelo masculino e patriarcal de igualdade. Apenas após as conquistas dos direitos civis, nos anos 1930, as situações de igualdade das mulheres foram aprovadas. Mas notou-se que apenas prescrever esse tópico em lei não bastava, não seria apto para mudança na estrutura social, sendo preciso um trabalho mais sério para que modificações fossem realmente incluídas à sociedade.

Observa-se que o sujeito universal masculino sempre reside à frente do plenário de decisões, sejam elas políticas, sociais ou domésticas. Ou seja, existia uma exclusão das mulheres do plenário dos direitos civis, do Estado de direito. Esse foi um debate fundamental para a manifestação dos movimentos femininos na luta por direitos, fazendo surgir debates no plenário público em defesa da sociedade feminina.

Segundo Hernandez (2007) a partir de 1975 surge a “Década da Mulher” como decorrência das lutas do movimento feminista que começaram em 1970. Com isso, diversas reuniões foram organizadas tendo como foco o fim da desigualdade da mulher, ampliando-a nos planos de desenvolvimento. Essas reuniões são “Conferências Mundiais das Nações Unidas”, como a de Copenhague (1980), Nairobi (1985) e Beijing (1995). “Assim, em 1979, com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos, foi confirmada a convenção internacional sobre a abolição de todas as formas de discriminação contra as mulheres” (p.2).

Essas conferências passaram a ser um campo para o desenvolvimento das questões de gênero, buscando os debates de ações coletivas e técnicas para a definição e realização de políticas públicas voltadas para tal objetivo.

Assim, nos anos 1980 aconteceu a emergência dos movimentos feministas, executando lutas contra a ação e exploração das mulheres, ou seja, a busca pela real sociedade das mulheres e seu mérito como cidadã por parte do poder público. Esses movimentos surgiram para que a desigualdade de gênero fosse reduzida, para uma maior emancipação das mulheres, que vinham sendo dominadas ao longo da história.

Hernandez (2007) afirma que a história do feminismo é dividida em duas fases, a “primeira geração” que vai dos anos de 1860 até 1920, simbolizada principalmente pela igualdade dos direitos e movimentos reformistas; e a “segunda geração”, que teve maior domínio no final da década de 1960. Neste período, os movimentos feministas definiram-se por duas correntes: a primeira fixada pela igualdade dos direitos, preocupada em excluir a subordinação e discriminação contra as mulheres, tanto no espaço privado quanto no público. A segunda define-se pela tendência à emancipação das mulheres e a sua participação política, sob uma mudança social radical.

Segundo Mesquita (2005, p.19), “o processo de construção da cidadania, nas sociedades ocidentais, proporcionou significativos avanços e conquistas para os seres humanos.” Mas os direitos das mulheres no Brasil foram construídos de forma desigual, com separações baseadas nas questões de gênero, aceitando influências das características históricas que envolvem a direção feminina até os tempos atuais.

Farah (2004) diz que as mulheres passam a ser vistas como sujeito coletivo, agindo no setor público através dos movimentos feminista, passando porem a, cada vez mais, visualizar sua condição na sociedade, lutando pelos seus direitos, pretendendo uma modificação visível para a sua questão na sociedade, tentando diminuir as desigualdades de gênero. “Sob impacto desses movimentos, na década de 80, foram implantadas as primeiras políticas públicas com recorte de gênero”. (p.51).

A partir da década de 1970 até os dias de hoje, a cumplicidade das mulheres no mundo, tem apresentado uma surpreendente progressão. Costa (1998) ressalta que as mulheres vêm assumindo um papel de provedoras e de chefes de família, sobretudo por deterem em suas mãos o poder aquisitivo e contribuir efetivamente para o orçamento doméstico. No movimento feminista a luta se assente na busca pela aquisição de direitos respeitando a diversidade dos gêneros.

Atualmente, percebe-se uma mudança muito grande no perfil das mulheres, que antigamente realizavam apenas tarefas tradicionais, como cuidar da casa e dos filhos. Elas estão competindo de igual para igual com os homens e estão correndo atrás do tempo perdido. Trabalham fora e realizam ainda as tarefas tradicionais, além de serem mãe e esposa. Tudo

isso graças às lutas dos movimentos feministas a partir da década de 1970, envolvendo a entrada feminina nas decisões políticas e de seus interesses na agenda governamental.

Para a mulher, sua participação política vem buscando espaço e abrange um trabalho de emancipação que, através de lutas das associações feministas, levou o Estado a desenvolver políticas de combate às desigualdades apresentar pelo sistema, principalmente de gênero, sendo relevante a presença e mobilização de cada vez mais mulheres para obter simbolicamente e serem ouvidas. As lutas das mulheres brasileiras nos últimos anos, sua participação em diversos movimentos feministas, tem comprovado sua cidadania, sendo uma luta pela identificação como sujeitos sociais, determinadoras de direitos.

O progresso feminino foi perceptível. Muitas conquistas foram obtidas pelas mulheres nos últimos tempos, desde a aceitação do voto feminino no Código Eleitoral de 1932, nesse mesmo ano foi regulamentado o trabalho feminino, até algumas conquistas dentro da Constituição de 1934, em acontecimento de lutas femininas.

Sabe-se que a participação das mulheres no universo público ainda é muito limitado, mas essa pequena conquista já é motivo de realização, pois alcançaram importantes campos de decisões, atuando nas políticas públicas. A princípio elas trabalham como os homens, ocupam cargos antes simplesmente ocupados pelos homens, adentraram-nos várias áreas de profissões e ainda realizam as funções tradicionais de sua vida doméstica. E se sentem orgulhosas com essas conquistas.

As mulheres se agrupam para que sua voz fosse ouvida, lutando para aprimorar sua qualidade de vida, suas condições de trabalho, contra as desigualdades de sexo, enfim, para se manterem na sociedade civil como pessoas de direito e públicas. A conquista da cidadania feminina, e suas retiradas do meio privado para o meio público, sua inserção no mercado de trabalho, sua libertação sexual, enfim, estabeleceram-se progressos positivos para todas as mulheres da sociedade contemporânea.

1.3 A Mulher no Mercado de Trabalho

As mulheres desde tempos passados enfrentaram dificuldades para adquirirem direitos iguais. Elas eram consideradas inferiores e incapazes, portanto foram décadas de enfretamentos de obstáculos para conseguirem seus direitos, como o direito de votar, de ingressar em uma universidade e de trabalhar fora do lar. Antigamente a atuação social da

mulher se resumia nas ações de fé e em reuniões beneficentes sendo excluída de quaisquer outras atividades dentro da sociedade patriarcal enfim a mulher tinha um horizonte reduzido.

Nessa concepção a mulher estava apenas escondida por trás de uma roupagem submissa da sociedade. De acordo com Probst (2003) em tempos passado era o homem que dominava os lares, e as mulheres não podiam sequer pensar em ganhar dinheiro. Hoje esse paradigma não é mais o mesmo, há um grande número de mulheres que deixaram de serem apenas esposas, donas de casa e mães, ampliando seu espaço na economia nacional e provando de forma brilhante suas competências e habilidades no mercado de trabalho.

Essa mudança é lenta, porém as conquistas são progressivas, a participação em grande escala da mulher no mercado de trabalho se efetivou nos períodos das duas Guerras Mundiais. Os homens saíam para as batalhas e as mulheres assumiam os negócios da família, conseqüentemente a posição de seus maridos no mercado, além de assumirem os postos nas indústrias, muitas delas de produção bélica. Quando a guerra acabava, muitos homens haviam falecido, e os que sobreviviam, muitas vezes, ficavam impossibilitados de trabalhar devido às mutilações sofridas. Dessa forma, houve a necessidade das mulheres deixarem suas casas e filhos e fazerem o trabalho que antes era realizada pelos homens.

Segundo Probst (2003) com o desenvolvimento do capitalismo e as crises que este passou ao longo do século XX levou cada vez mais as mulheres buscarem uma vaga no mercado de trabalho. O alto custo de vida e da manutenção das despesas familiares muitas mulheres teve que deixar o lar e assumir junto aos seus maridos o ônus do sustento de suas casas. Isso ocorreu principalmente após a Segunda Guerra Mundial.

Não foi e ainda não é fácil para as mulheres ocuparem uma vaga no mercado de trabalho. Gomes (2005) afirma que a inserção da mulher no mercado foi marcada por um período de preconceitos e dificuldades. Muitos problemas foram e ainda são enfrentados por mulheres, como por exemplo, salários menores que o dos homens pagos pelo mesmo trabalho, menores chances de capacitar-se profissionalmente, assédio sexual no trabalho, assédio moral, o acúmulo de duplas e triplas jornadas, entre outros.

Diante desta realidade, de acordo com Gomes (2005) as mulheres passaram a lutar por igualdade entre os sexos em busca da obtenção dos mesmos direitos masculinos. Com o passar do tempo, além de algumas conquistas pela igualdade em relação ao trabalho, as mulheres conseguiram também alguns benefícios, como, por exemplo, o divórcio, o direito a matrícula em cursos superiores, a ampliação da licença maternidade, entre outros. Atualmente, muitas empresas não abrem mão de terem mulheres em suas equipes de colaboradores. Essas empresas buscam um novo paradigma, baseado em flexibilidade,

sensibilidade, intuição, capacidade para trabalhar em equipe e administrar a diversidade, características atribuídas às mulheres.

Apesar dos problemas enfrentados pelas mulheres, tem crescido a cada ano o número de mulheres no mercado de trabalho. Segundo Vieira, (2006) esse aumento ocorreu devido às diversas mudanças na economia mundial nas últimas décadas, causando impactos sobre as relações de comércio, de produção e de trabalho. Outro fator que propiciou esse aumento foi a crescente urbanização e expansão da industrialização, principalmente nos países emergentes como o Brasil.

Para alcançar conquistas no mercado de trabalho foi necessário que a mulher tivesse uma visão avançada tendo cursos superiores, para Probst (2003, p.4), “tal fato é outra explicação para o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, já que estudando mais, conseqüentemente estarão mais preparadas educacionalmente do que os homens”.

O crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho ocorre devido a estas se qualificarem e preparem mais, conseqüentemente como afirma Probst, (2003, p.4) “algumas pesquisas apontam que maior parte das novas vagas tem sido ocupada por mulheres, já que elas têm se importado mais com os estudos”.

A partir desses dados percebe-se que a mulher é um ser marcante dessa história, marcada por acreditar no seu potencial de conquistas através de conhecimentos escolar e por querer fazer parte desse mercado.

De acordo com pesquisas feitas, as estatísticas mostram que a participação feminina no mercado de trabalho cresceu de forma intensa desde a década de 70. Mesmo com as várias crises econômicas que ocorreram nesse período, não houve retroação. Com apenas 18, 2 % das brasileiras com mais de 10 anos de idade economicamente ativas em 1970, vinte anos depois a taxa de atividade feminina dobrou, subindo para 39, 2% e o número de trabalhadoras ultrapassou 22, 0 milhões (BRUSCHINI, 2007).

Segundo Bruschini (2007), este contingente de mulheres que tem ingressado no mercado de trabalho brasileiro é formado principalmente por representantes das camadas médias e escolarizadas da população. Para a autora o crescimento da atividade econômica realizada por mulheres no país pode ser visto nos dados da Pesquisa Nacional por Amostras Domiciliares (PNAD): entre 1993 e 2005, a População Economicamente Ativa (PEA) feminina passou de 28 para 41, 7 milhões, sua taxa de atividade aumentou de 47% para 53% e a porcentagem de mulheres no conjunto de trabalhadores passou de 39, 6% para 43, 5%. Isso significa que em apenas 10 anos, houve grande aumento no percentual de mulheres trabalhando ou em busca de trabalho. (BRUSCHINI, 2007).

A capacitação é o que prevalece para qualidade transformadora da evolução industrial, segundo Gomes (2005, p.5) prevalece nessa ideia de estudos, aqueles que detêm qualidades como capacidade para inovar e intuição estão mais bem preparados para ocupar cargos de chefia e liderança dentro de todo o tipo e organização, pois não se trata apenas de competência técnica e intelectual, mas, sobretudo, de competência interpessoal.

A mulher para entrar no mercado de trabalho precisa conciliar dupla jornada, não sendo porem conseqüentemente uma situação considerada relevante pela sociedade. Segundo Bruschini (2007) hoje, a mulher enfrenta as mesmas condições que o homem no mercado, tem que ser tão competente quanto eles e saber lidar com todas as situações. Contudo, após o trabalho, ao contrário do homem que tem direito ao descanso, para juntar forças para o trabalho no dia seguinte, a mulher normalmente tem que se dedicar a suas casas, marido, filhos e atividades domésticas.

Nesta perspectiva Probst (2003) afirma que embora alguns homens assumam parte das atividades domésticas esta atividade ainda se sustenta no feminino. De acordo com os dados da pesquisa nacional sobre mulheres intitulada: A Mulher Brasileira nos Espaços Públicos e Privado, realizada pela Fundação Perseu Abramo (2004), nas cinco grandes regiões do Brasil, 96% das entrevistadas responderam ser a mulher a principal responsável pela realização dos afazeres domésticos no Brasil.

De acordo com Lima (2009), atualmente, se tornou fácil encontrar empresas que investem em benefícios para mulheres. De forma que essas trabalhem cada vez mais motivadas e comprometidas com a corporação. É importante citar alguns exemplos de empresas que hoje oferecem benefício às mulheres. O Banco Itaú proporciona para suas funcionárias o programa Saúde da Mulher, com o objetivo de atender as necessidades das mulheres em quatro pontos: gestante mãe e criança, comportamento e saúde preventiva. Outro exemplo a ser citado é a empresa Vivo, com o programa Nascer Bem, onde se desenvolvem iniciativas como o acompanhamento nutricional, cursos para pais boletins informativos, etc. Há ainda o programa Como e Vivo Bem, com dicas de reeducação alimentar para garantir ganho de peso adequado e oferta de nutrientes necessários para mãe e filho. Esses programas de benefícios às mulheres só têm contribuído para a melhora do desempenho feminino na organização, de tal forma a beneficiar também as empresas. Contudo, a realidade nacional aponta para mais problemas e dificuldades do que soluções no que tange a vida pessoal e social da mãe trabalhadora.

O capítulo que segue irá tratar desse fenômeno a partir da realidade das mães trabalhadoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf.

2 MATERNIDADE E CARREIRA PROFISSIONAL: um estudo de caso a partir da realidade das mães trabalhadoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf

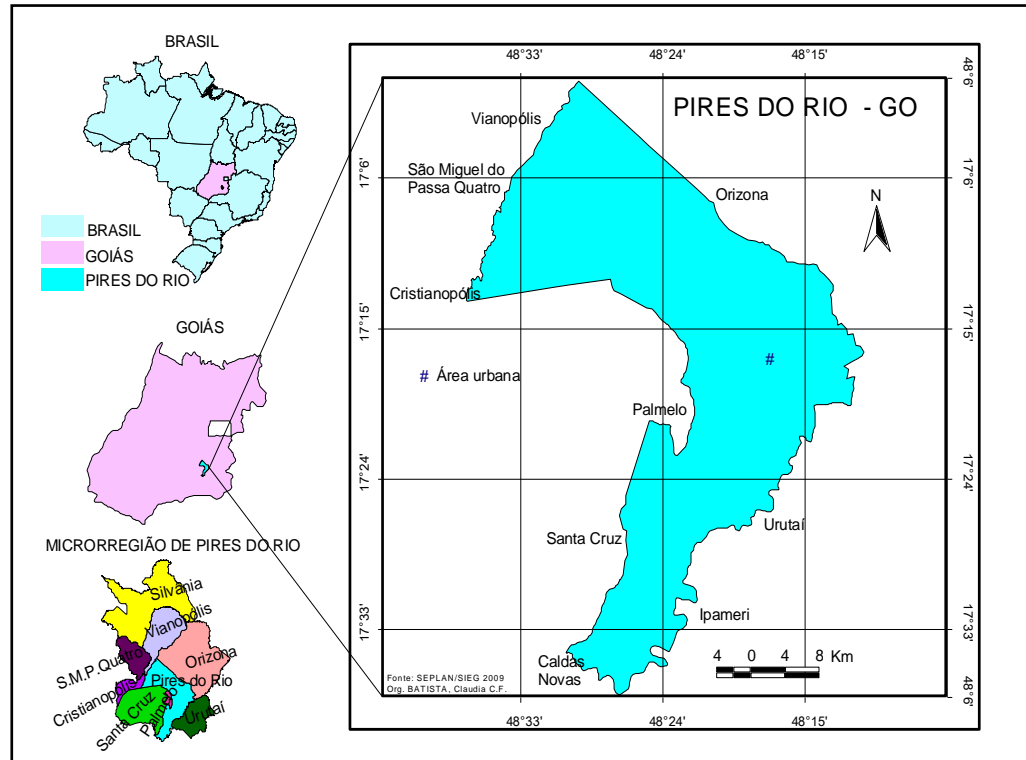
A inserção da mulher no mercado de trabalho fez com que houvessem mudanças importantes no modo de vida das mulheres brasileiras principalmente a partir da década de 1970. Contudo estas mudanças observadas não são somente em sentido positivo, visto que ao passo que as mulheres conquistam mais autonomia e também liberdade financeira, foram acumulando mais funções nas chamadas “duplas e triplas jornadas de trabalho”, pois a nova condição social vivenciada, não é acompanhada por uma mudança cultural, onde as tarefas domésticas ainda continuam sendo responsabilidade principal ou exclusiva do gênero feminino.

Será no intuito de investigar, se este fenômeno acontece na realidade das trabalhadoras da escola campo, e quais suas peculiaridades que o presente capítulo será construído.

Para tanto, será feita uma caracterização da área de pesquisa, bem como discussão dos dados sistematizados a partir das entrevistas aplicadas com as mães trabalhadoras da escola campo.

2.1 Caracterização da Área de Pesquisa

O município de Pires do Rio (GO) fica situado na mesorregião do sul goiano, sua área e de aproximadamente 1.073.361 km, e está a 145 km de distancia de Goiânia, limitando-se ao norte com os municípios de Orizona e Vianópolis; ao sul com Caldas Novas e Ipameri; a leste com Orizona e Urutai; a oeste por Caldas Novas, Santa Cruz de Goiás, Palmelo, Cristianópolis e Sylvania como pode ser observado no Mapa 1.



Mapa1 – Localização de Pires do Rio e cidades do entorno.
Fonte: DIAS, Cristiane (2009).

De acordo com Siqueira (2006), em 1920 o engenheiro Balduino Ernesto de Almeida, foi quem idealizou a instalação da estrada de ferro no rio Corumbá, pois continuaria a ferrovia. Vários fazendeiros foram procurados para a doação do terreno, mas o Coronel Lino Teixeira foi quem doou quatro alqueires de terra para a instalação da cidade.

Vários fazendeiros foram procurados para a doação do terreno, mas o Coronel Lino Teixeira foi quem doou quatro alqueires de terra para a instalação da cidade.

Em 1922, no dia 9 de novembro foi inaugurada a ponte Epitácio Pessoa e no mesmo dia a estação ferroviária. O engenheiro Ernesto Balduino fez um discurso inaugurando também o obelisco frente hoje ao mercado municipal declarando assim a fundação da cidade de Pires do Rio (GO), nome dado como homenagem ao Dr. José Pires do Rio, Engenheiro que inspecionou as obras da construção da ferrovia, que na mesma época era o ministro da aviação.

Pires do Rio acabou por ser a primeira cidade planejada de Goiás antes até mesmo de Brasília e Goiânia. Em 1934 foi construída a igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, e a primeira missa celebrada foi feita pelo padre Julião Calzada padre de Santa Cruz de Goiás, o terreno doado da igreja e da praça central foi doado pela Dr. Rosalina Fernandes Sampaio, esposa do Coronel Lino Teixeira.

Os primeiros habitantes a surgir em Pires do Rio (GO) foram os fazendeiros que aqui residiram daí em diante foram chegando os imigrantes sírios e libaneses, alemães,

portugueses, mas a maioria dos habitantes veio de outros estados como São Paulo e Minas Gerais e Bahia.

Pires do Rio (GO) teve grande importância para o estado de Goiás, visto que representou rota de escoamento de mercadorias para todo o estado bem como para os materiais para a construção de Goiânia e Brasília. (SIQUEIRA, 2006).

De acordo com o último censo do IBGE (2010), a população da cidade de Pires do Rio é de aproximadamente 28.762 habitantes, que se espalha desde a cidade até a zona rural do município.

Sendo objetivo da presente pesquisa, refletir acerca da mulher e mãe no mercado de trabalho, é importante ressaltar que entre as décadas de 1980 e 2010, a população feminina da cidade de Pires do Rio (GO) sempre foi maior em número que a masculina, como é possível verificar na tabela 1 a seguir:

Ano	População Feminina	%	População Masculina	%	População Total
1980	8.572	51	8.098	49	16.670
1991	10.510	52	10.027	48	20.537
2000	12.507	55	11.966	45	24.473
2010	13.886	55,5	13.210	44,5	27.094

Tabela 1 – População Masculina e Feminina de Pires do Rio – 1980/2010.

Fonte: Instituto Mauro Borges

Elaboração: DIAS, Magna Cristina. 30/08/16.

Em relação aos aspectos físicos, Pires do Rio (GO) apresenta uma hidrografia bastante rica com inúmeros cursos de água como o Rio Corumbá o Rio do Peixe e o Rio Piracanjuba, e vários outros ribeirões como o Caiapó e o Sampaio. O relevo de Pires do Rio (GO) é formado por planaltos e serras, com áreas de terrenos pouco acidentados.

O clima de Pires do Rio (GO) se caracteriza como o tropical úmido bem característico de toda a região de Goiás, com duas estações bem definidas o verão chuvoso e o inverno seco. A vegetação, como todo o estado de Goiás e de cerrado nativo com o cerrado, cerrado e campos limpos. Nesta perspectiva, agricultura no município apresenta uma grande diversidade de culturas, os principais produtos são o café, o milho, arroz feijão, mandioca, amendoim, banana, laranja, abacate, mamão, tomate, alface e repolho. Já as maiores plantações são as que são de soja e milho, são destinadas para as indústrias locais que beneficiam carne de aves e óleo de soja, dando também grande destaque para as granjas que trabalham com a avicultura.

A principal atividade econômica desenvolvida na região de Pires do Rio é a agropecuária. Contudo, o município possui indústrias, onde há uma maior concentração de

oferta de emprego, incluindo setor terciário como comércio e cargos públicos. Sendo que a maior parte da população feminina cargos tais como em lojas, lotéricas, bancos, sorveterias, sapatarias, supermercados, escolas e até mesmo nas indústrias, elas atuam em maior proporção.

Com relação ao campo educacional, Pires do Rio (GO) conta com quatro instituições estaduais de ensino: Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira, Colégio Estadual Martins Borges, Colégio Estadual Dr. Francisco Accioli e Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha e cinco municipais: Escola Municipal Joaquim Câmara Filho, Escola Municipalizada Sarah Skaf, Escola Municipalizada Sebastião Antônio Leite, Escola Municipal Ilda Martins Rosa, Escola Municipal Dr. Natal Gonçalves de Araújo, Escola Municipal Cel. Lino Sampaio.

A área de pesquisa da presente reflexão é a Escola Municipalizada Sarah Skaf (Foto 1), que é meu local de trabalho e onde tenho a oportunidade de viver na prática as questões que fundamentam a pesquisa, tanto pela minha experiência pessoal quanto pela experiência das demais funcionárias do administrativo, docência, cozinha e faxina que também são mães (Foto 2, 3 e 4).



Foto 1 – Fachada da Escola Municipalizada Sarah Skaf.
Autor: DIAS, Magna Cristina. (2016).



Foto 2 – Professora “Arlete Rodrigues de Faria Tavares” da Escola Municipalizada Sarah Skaf.
Autor: DIAS, Magna Cristina. (2016).



Foto 3 – Auxiliar de serviços gerais “Maria Antônia de Almeida Moraes” da Escola Municipalizada Sarah Skaf.
Autor: DIAS, Magna Cristina. (2016).



Foto 4 – Merendeira “Maria Aparecida da Silva” da Escola Municipalizada Sarah Skaf
Autor: DIAS, Magna Cristina. (2016).

A Escola Municipalizada Sarah Skaf foi inaugurada em 28 de junho de 1969 por Goiás Cavalcante Nogueira. O terreno foi uma doação feita para a Prefeitura Municipal de Pires do Rio (GO) pelo Sr. José Skaf - sírio, industrial - e sua esposa dona Zakias Pedreiro Skaf, brasileira, doméstica. O terreno mede trinta e seis metros e dez centímetros de fundo (36, 40mx67, 10cm), situado na rua David José Skaf, esquina com a rua Benedito Gonçalves de Araújo.

Esta instituição de ensino pertencia desde sua fundação à Rede Estadual de Educação, sob o comando Delegacia Regional de Ensino do Estado de Goiás, hoje Subsecretaria. No ano de 2000. A escola passou de responsabilidade do município, mudando sua nomenclatura de Escola Estadual Sarah Skaf para Escola Municipalizada Sarah Skaf.

A escola atende uma clientela diversificada, variando, os níveis econômicos, culturais e sociais já que assiste uma parcela de alunos da zona rural, somando na atualidade cerca de 230 alunos e 26 funcionários, incluindo 1 diretora, 1 secretário e 2 coordenadoras, sendo uma coordenadora por período.

De acordo com a pesquisa diagnóstica realizada na escola, a infra-estrutura da instituição conta com: água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, fossa, coleta periódica de lixo, acesso à internet banda larga.

As dependências são compostas por: 6 de 7 salas de aulas utilizadas, sala de diretoria, laboratório de informática, alimentação escolar para os alunos, cozinha, biblioteca, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, despensa, almoxarifado, pátio coberto, pátio descoberto. Desta forma é possível observar que a escola apresenta uma boa infra-estrutura capaz de atender com qualidade seu público alvo inclusive os alunos vinculados aos programas de inclusão.

Os equipamentos disponíveis são: computadores administrativos, computadores para alunos, TV, copiadora, equipamento de som, impressora, equipamentos de multimídia, videocassete, DVD, antena parabólica, copiadora, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (data show) e câmera fotográfica/filmadora. Nesta perspectiva, os professores da escola possuem condições de desenvolver aulas dinâmicas e significativas, pois além da formação pedagógica adequada, possui mesmo que em números reduzidos, equipamentos importantes para o suporte metodológico e pedagógico das atividades escolares.

A fim de investigar a situação problema proposta na presente pesquisa, foram aplicados entrevistas junto às trabalhadoras da escola que também são mães e os resultados serão discutidos no item que segue.

2.2 A Pesquisa de Campo

Na Escola Municipalizada Sarah Skaf, dos 26 funcionários em atividade, 22 são mulheres e mães, sendo estes os sujeitos da pesquisa, profissionais nas áreas de docência, coordenação, secretaria, merendeira e auxiliares de serviços gerais.

Foram distribuídas 22 entrevistas, mas foram respondidas apenas 05, que irão dar suporte as análises hora propostas. Os nomes das entrevistadas serão preservados por se tratar de depoimentos da vida pessoal das mesmas, serão utilizadas nos lugares dos nomes apenas as iniciais.

As trabalhadoras entrevistadas têm em média 42 anos. Noventa por cento declaram ter rendimento mensal de um a dois salários mínimos e em sua maioria possuem pós-graduação completa.

A média de idade em que ingressaram no mercado formal foi de 31 anos. Contudo, muitas relatam que antes do trabalho formal exerciam atividades informais como diaristas, nesta perspectiva média de idade cai para cerca de 18 anos. Este fato cruzado com a informação de que tiveram seus filhos com média de idade de 20 anos, apontam para fato de que a maternidade pode ser um fator de retardamento da ascensão profissional das entrevistadas.

A maioria das mulheres entrevistadas relata que regressaram ao trabalho quatro meses após o nascimento de seus filhos, cumprindo a legislação nacional que até a década de 2000, estipulava este intervalo de licença maternidade.

Este curto prazo de licença impede que as crianças sejam amamentadas no exclusivamente no peito até os dois anos de idade, como aconselha a Associação Nacional de Pediatria e impede que a mãe tenha um contato mais próximo com a criança nestes primeiros anos de vida. Este fator representa sem dúvida um elemento de ansiedade e insatisfação por parte das mães trabalhadoras.

Ao serem questionadas sobre se houveram mudanças em suas vidas pessoais e profissionais após a maternidade, todas as entrevistadas afirmaram que sim, apontando a diminuição do tempo e as dificuldades em conciliar suas atividades pessoais e profissionais e o cuidado com os filhos como afirma “Maria Aparecida da Silva” em trecho de entrevista abaixo:

Ouve mudanças sim na minha vida após a maternidade na minha vida pessoal e no trabalho. Porque a gente tem que dividir o tempo entre família e trabalho e não é nada fácil sofrer cobranças em relação como mãe, por exemplo na hora das tarefas escolas em relação a saúde e eles preciso do meu auxílio e presença. (M.A.S., informação verbal, Nov./2016).

Após a maternidade com certeza houve mudanças na minha pessoal profissional, fiquei sobrecarregada de tantas atividades incluindo casa filho e marido. Existem cobranças em minha casa com a minha presença e atuação como mãe, porque as vezes realizamos muitas atividades e fica outras a desejar. E ainda enfrento triplas jornadas na minha vida, porque trabalho em casa na escola e ainda no comercio e não é nada fácil. (Rita de Cássia Ribeiro de Oliveira, informação verbal, Nov./2016).

Já o depoimento da entrevistada “Rita de Cássia Ribeiro de Oliveira”, aponta que além das mudanças ocorridas na vida cotidiana após a maternidade, existem cobranças sobre a mulher que trabalha em relação a sua presença no lar e na sua atuação como mãe. Além disso, a entrevistada aborda outra pergunta, realizada na entrevista acerca das duplas e triplas jornadas o que causa grande desgaste físico e emocional nas mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho. Todas as entrevistadas declararam enfrentar duplas e triplas jornadas.

As entrevistadas foram questionadas ainda sobre a divisão das atividades doméstica no lar. Nesta pergunta 40% das entrevistadas apontaram que os maridos ajudam

nas atividades domésticas, deixando claro serem elas as principais responsáveis por essa tarefa. Contudo, 60% das entrevistadas disseram que seus maridos não fazem nenhum tipo de atividade doméstica em casa como pode ser verificado no Gráfico 1. De acordo com as entrevistadas este fato é atribuído à educação tradicional de cunho patriarcal recebida por seus maridos. Nesta questão todas apontaram que os maridos auxiliam no cuidado com os filhos.

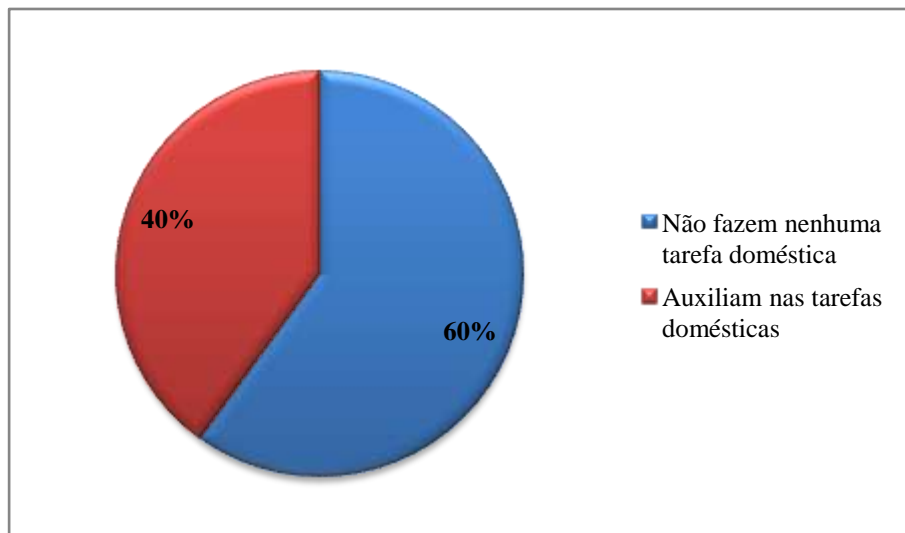


Gráfico 1 – Participação dos cônjuges na realização das tarefas domésticas.
Org: DIAS, Magna Cristina. (2016).

Tendo duplas e triplas jornadas e as obrigações com a educação dos filhos, as mulheres foram questionadas se sentem sobrecarregadas e se estão satisfeitas com o tempo que tem para si mesmas. Diante desta questão a 90% das entrevistadas, disseram se sentir sobrecarregadas como é possível observar no Gráfico 2.

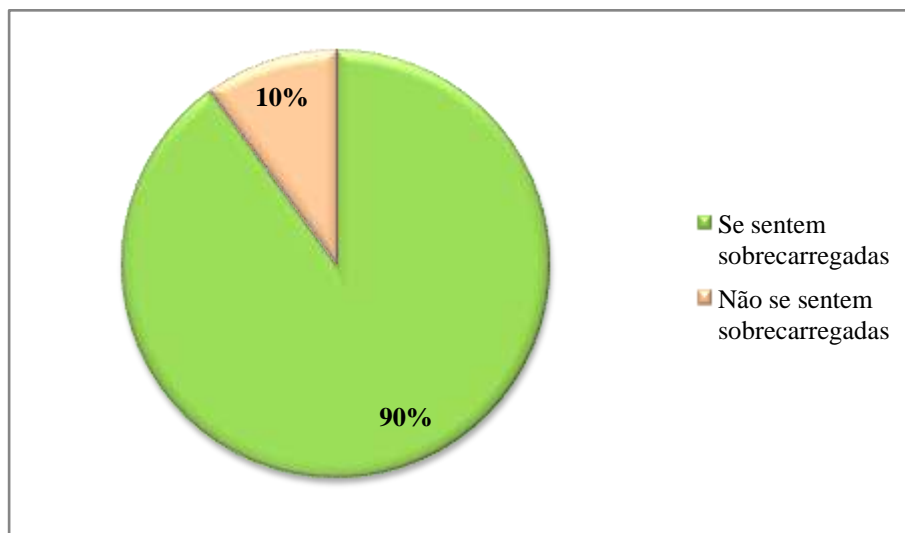


Gráfico 2 – Estão sobrecarregadas e não se sentem satisfeitas com o tempo que tem para si mesmas.
Org: DIAS, Magna Cristina. (2016).

O trecho da entrevista abaixo ilustra muito bem o fenômeno descrito:

Eu enfrento triplas jornadas e sou a principal responsável pelas as atividades domesticas e com os filhos me sinto como uma maquina que não desliga, me sinto cansada, as vezes o pensamento quer mas o corpo não obedece por tanto desgaste. Não sou satisfeita com o que tem disponível para mim, não dá pra nada afeta minha alto estima, meu relacionamento matrimonial, ate porque fico sobrecarregada. (R.C.R., informação verbal, Nov./2016).

As entrevistadas dizem que não sofrem atualmente cobranças sociais ou tem problemas no trabalho por causa dos filhos, porque os mesmos já estão crescidos, mas as falas apontam para dificuldades no trabalho quando as crianças eram pequenas.

Contudo, cobranças no espaço público e privado em relação a atuação das mulheres como profissionais, esposas e mães sempre existem e são um claro fator de desgaste físico e emocional das mesmas.

Desta forma, considerando que o objetivo da presente pesquisa, foi investigar como a mulher integra o mercado de trabalho após a maternidade na cidade de Pires do Rio (GO), segundo a realidade das mães trabalhadoras da Escola Municipalizada Sarah Skaf, discutindo como o gênero feminino nesta condição especial, enfrenta uma série de adversidades tanto no espaço público quanto, acredita-se que está realidade existe pois foi comprovada pelo depoimento das entrevistadas quanto relatam suas duplas e triplas jornadas e quanto essa situação é desgastante e pouco reconhecida em suas realidades cotidianas.

Acredita-se ainda o estudo de caso realizado representa muito bem o cotidiano de várias mulheres que mães e trabalhadoras por todo território nacional, o que nos leva a ressaltar a necessidade de serem pensadas políticas públicas para amenizar tal quadro de desigualdade social no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura tem sido farta em assinalar sobre a mulher no mercado de trabalho, principalmente na desigualdade entre os gêneros e raça no Brasil. As estatísticas são variadas como: as diferenças salariais entre homens e mulheres; a porcentagens de mulheres no mercado de trabalho; a carga horária excessiva da mulher ao acumular o trabalho fora e o trabalho no lar; a distribuição da ocupação e a posição que ocupa; índice de carteira assinada; família chefiada por mulheres; nível de escolaridade, entre outros. Mas pouco se trata da mulher mãe e suas dificuldades para conciliar a maternidade, as funções domésticas e as atividades no mercado de trabalho.

A pesquisa realizada na Escola Municipalizada Sarah Skaf, demonstrou a realidade dessas mulheres que tem que em seu dia a dia conciliar suas atividades como esposa, mãe e trabalhadora, apontando as angústias e desgastes desta realidade em que vivem, paralelo ao prazer e realização que a maternidade trouxe para suas vidas.

Os dados das entrevistas aplicadas mostram que as mulheres se sentem sobrecarregadas, devido à dificuldade que encontram em dividir suas tarefas com seus companheiros que culturalmente entendem ser os afazeres domésticos responsabilidade principal ou exclusiva do gênero feminino. Este quadro se repete a nível nacional, pois de acordo com a pesquisa: “A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado”, realizada pela Fundação Perseu Abramo (2004), nas cinco grandes regiões do Brasil, 96% das entrevistadas responderam ser a mulher a principal responsável pela realização dos afazeres domésticos no Brasil.

Nesta perspectiva é possível apontar que a inserção das mulheres no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma mudança cultural acerca dos papéis masculinos e femininos dentro dos lares, fazendo com que mesmo trabalhando fora as mulheres continuasse responsáveis pelas atividades domésticas e criação dos filhos, o que acarretou a este gênero o acúmulo de duplas e triplas jornadas, extremamente prejudiciais a sua saúde física e mental das mulheres. Na atualidade doenças do coração (hipertensão) que antes atingiam uma grande maioria dos homens por stress, estão cada vez mais comuns em mulheres extremamente sobrecarregadas pela vida moderna.

Sendo assim, tanto o espaço público quanto o privado representa para a mulher na atualidade um espaço de tensões sociais onde as cobranças acerca do desempenho pessoal e profissional tornam-se para elas um fardo pesado a ser carregado.

Muito ainda, há de ser feito para superar este quadro de desigualdades, sendo a educação formal nas escolas, abordando questões de gênero e respeito à diversidade um caminho seguro a seguir.

REFERÊNCIAS

- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos dez anos. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: vol.37, n.º132, p.539-542, set-dez/2007. Acesso em: 25 de set./2016.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 1998. Disponível em: <[http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento %20-%20Ana%20Alice.pdf](http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf)>. Acesso em: 03 de maio/2016.
- FARAH, Marta F. Santos. Gênero e políticas públicas. In: **Revista Estudos Feministas**. jan.-abr./2004, vol.12, n.º001, Rio de Janeiro: UFRJ.
- GOMES, A.F. **O outro no trabalho: mulher e gestão**. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/313.pdf>>. Acesso em: 30 de maio/2016.
- GOMES, A.F; SANTANA, P.G.W.; SILVA, M.J. **Mulheres Empreendedoras: Desafios e Competências**. 2005. Disponível em: <<http://www.cyta.com.ar/ta0406/v4n6a1.htm>>. Acesso em: 05 jun./2016.
- HERNANDEZ, Carmen Ozório. **Movimento de mulheres e políticas para agricultura familiar: políticas para mulheres rurais ou com perspectiva de gênero**. EMBRAPA, 2007. Disponível em: <http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/67.pdf> Acesso em: 03 de maio/2016.
- LAMAS, Marta. Os conflitos e desafios do novo paradigma. In: **Revista Proposta**. n.º.84/85. mar.-ago./2000, p.12–25. In: PAULA, Marise Vicente de. **Sob o Manto Azul de Nossa Senhora do Rosário: mulheres e Identidade de Gênero na Congada de Catalão (GO)**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) apresentada a Universidade Federal de Goiás.
- LIMA, D. **Empresas oferecem benefícios especiais para as mulheres**.2009 Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=10608>. Acesso em: 16 jun./2016.
- MATOS, Maria Izilda Magalhães de. Do público ao privado: redefinindo espaços e atividades femininas (1890 – 1930). In: **Cadernos Pagu**. (4) 1995.
- MESQUITA, Adriana de Andrade. **Com licença, eu vou à luta! O desafio de inserção das mulheres da periferia carioca no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: 2005. Dissertação (Mestrado em Política Social) apresentada a Escola de Serviço Social. UFF, 2005. Acesso em: 03 de maio/2016.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero. In: **Cadernos Pagu**. n.º.11, 1998, p.99-105. Campinas-SP: In: PAULA, Marise Vicente de. **Sob o Manto Azul de Nossa Senhora do Rosário: mulheres e Identidade de Gênero na Congada de Catalão (GO)**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) apresentada a Universidade Federal de Goiás.
- PAULA, Marise Vicente de. **Sob o Manto Azul de Nossa Senhora do Rosário: mulheres e Identidade de Gênero na Congada de Catalão (GO)**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) apresentada a Universidade Federal de Goiás.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Michele Perrot. (trad.) Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRIORE, Mary Del. **A mulher na história do Brasil**. 4ed. Coleção Repensando a História. São Paulo: Contexto, 2004.

PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. 2003. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6215073-A-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: 05 de set./2016.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In. BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp. 1992.

SIQUEIRA, Jacy. **Um contrato singular e outros ensaios de História de Goiás**. Goiania-GO: Kelps, 2006.

VIEIRA, A. **A expansão do trabalho feminino no setor de serviços: uma análise nas cinco regiões do Brasil**. 2006. Disponível em: <http://www.cse.ufsc.br/~gecon/coord_mono/2007.1/Andreza.pdf> Acesso em: 10 out.2016

APÊNDICE



Apêndice 1 – Entrevista realizada com a mulher, mãe no mercado de trabalho em Pires do Rio (GO).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PIRES DO RIO
CURSO DE GEOGRAFIA

ENTREVISTA

Nome: _____

Idade: _____ Ocupação: _____

Renda Mensal:

() 1 a 2 salários mínimos () 3 a 4 salários mínimos () Mais de 5 salários mínimos.

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo

() Pós-Graduação.

1. Quando você começou a trabalhar formalmente?

R. _____

2. Depois da maternidade quando você regressou ao trabalho formal?

R. _____

3. Houve mudanças em sua vida pessoal e profissional após a maternidade?

R. _____

4. Existem cobranças em sua casa sobre sua presença e sua atuação como mãe?

R. _____

5. Você enfrenta em sua vida, duplas e triplas jornadas?

R. _____

6. Se você tem um companheiro. Ele divide com você as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos? Por quê?

R. _____

7. Se você enfrenta duplas e triplas jornadas e é a principal responsável pelas atividades domésticas e cuidado com os filhos, isto te faz se sentir sobrecarregada? Como se sente?

R. _____

8. Você se sente satisfeita com o tempo que tem disponível para sim mesma? Porque?

R. _____

9. A maternidade causa algum problema em seu cotidiano no trabalho?

R. _____

10. Você já sofreu cobranças sociais em sua atuação como profissional e como mãe?

R. _____